



SARANDIRANDO

A pesquisa em memória e história oral na elaboração de um Inventário Afetivo

*Amanda Dias da Cruz, Mariana Lanzoni Alvim, Nadine Dutra Vieira, Pablo Corrêa Lima, Priscila Cristina da Silva Garcia, Roberta Maria de Oliveira Carvalho, Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG
Milena Andreola de Souza
Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG*

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo demonstrar a importância da Memória – seja no seu âmbito individual ou coletivo – e a História Oral para o conhecimento acerca da identidade de uma comunidade e o estabelecimento laços que definam as relações de pertencimento das pessoas com os seus locais de vivência. A pesquisa apresentada aqui foi desenvolvida por docentes e egressos do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia no contexto do Projeto de Extensão “Sarandirando: Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira – MG”, desenvolvido a partir de pesquisa e visitas a Sarandira, Distrito de Juiz de Fora. O Inventário Afetivo é uma ferramenta de conhecimento – como todo inventário – que parte da observação e documentação de tudo aquilo que a comunidade, livremente, identifica como importante para sua formação, identidade e reconhecimento e que, exatamente por isso, busca recriar através da história oral e diversas outras formas de expressão. Torna-se fundamental que o pesquisador vá a campo e utilize como principal ferramenta a escuta, buscando as informações iniciais a partir da memória e da história oral. Por isso, tais conceitos precisam ser definidos e conhecidos para serem aplicados em campo.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Pertencimento. Inventário afetivo. Patrimônio modesto

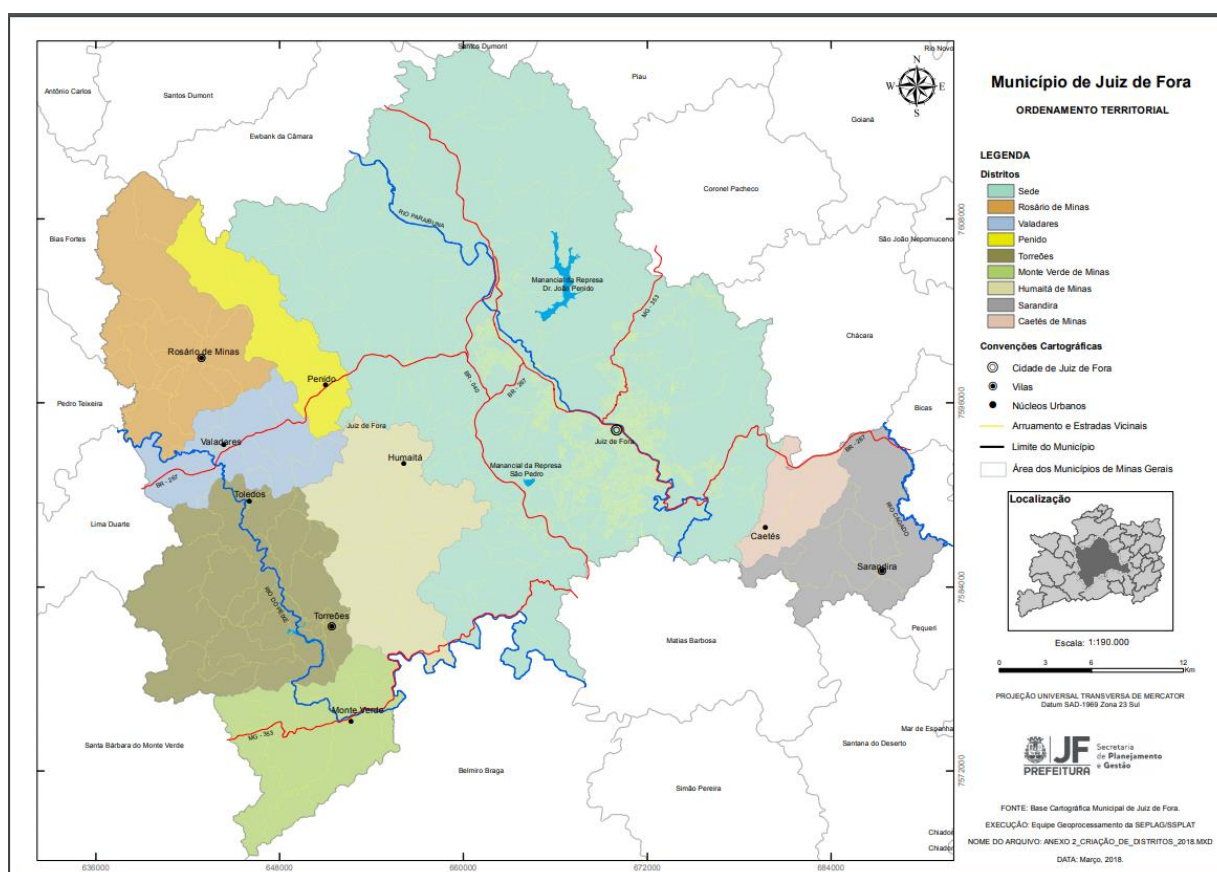
1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo demonstrar a importância da Memória – seja no seu âmbito individual ou coletivo – e a História Oral para o conhecimento acerca da identidade de uma comunidade e o estabelecimento laços que definam as relações

de pertencimento das pessoas com os seus locais de vivência. A pesquisa apresentada aqui foi desenvolvida por docentes e egressos do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário Academia no contexto do Projeto de Extensão “Sarandirando: Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira – MG”, desenvolvido a partir de pesquisa e visitas a Sarandira, Distrito de Juiz de Fora – MG (Figura 1).

Fundado como Sarandy em 1842, o povoado foi elevado a distrito em 1857, ainda que fosse anterior a Juiz de Fora. Atualmente, o lugar possui uma população de aproximadamente 250 habitantes, muito inferior aos cerca de 5000 habitantes que viveram ali no seu auge. É um distrito ligado à produção cafeeira e leiteira da região, que contava com um centro comercial dinâmico e equipamentos urbanos importantes.

Figura 1 - Mapa dos limites de Juiz de Fora



Fonte – Base Cartográfica Municipal de Juiz de Fora, Março de 2018. Disponível em: https://www.pjf.mg.gov.br/institucional/cidade/mapas/mapa_limites.php acessado em 20/11/2023.

Ainda no final do século XIX, com a chegada das ferrovias em Minas Gerais propiciou um amplo desenvolvimento da região, principalmente de Juiz de Fora, devido à

produção cafeeira e industrial e ao lugar estratégico que ocupava em relação à capital do país, Rio de Janeiro. No entanto, a condição geográfica de Sarandira, influenciou negativamente, uma vez que a ferrovia não era viável à região, encravada em meio a altas montanhas e afastada do percurso dos trilhos. Com isso, o distrito passou por um movimento de contração econômica gerando uma diminuição de sua população.

Segundo PINTO (2022):

A partir do Censo de 1920, muitas alterações no território de Juiz de Fora impactaram drasticamente no contingente demográfico. Além disso, o café entrara em declínio com a crise econômica de 1929, fazendo com que os distritos experimentassem um período de expulsão populacional e apenas o distrito sede se manteve com elevação demográfica, uma vez que possuía características urbanizadas e o processo de industrialização manteve ofertas de trabalho. (PINTO, 2022, p. 37)

Ainda assim, como é possível observar no mapa abaixo, que faz parte do “Album Chorographico Municipal do Estado de Minas Geraes”, de 1927, Sarandira ainda era apontado como um dos distritos principais da região, dada a hierarquia da classificação de cada localidade, ligado a Juiz de Fora por estrada carroçável e linha telefônica e telegráfica, mas não por linha férrea (demarcada em vermelho). A criação de distritos posteriores, como Caetés e São Pedro Alcântara (hoje Pequeri), também influenciaram na diminuição da população de Sarandira, que buscava melhores condições de vida.

Distrito para a região. Além disso, tais lugares de memória são facilmente mencionados pela maior parte da população em pesquisas diversas e em conversas corriqueiras da equipe do Projeto de Extensão nas visitas já realizadas.

Figuras 3 e 4 – Bens tombados de Sarandira



Fonte: Acervo do projeto. Foto: Pablo Correa, Data 24/10/2022

Assim, com a finalidade de mapear afetivamente o lugar, há a necessidade de estabelecermos uma metodologia de aproximação com a população e a definição dos conceitos a serem trabalhados. Ambos foram definidos a partir de muita pesquisa teóricas, estudos de caso e debates e estarão apresentados nos itens abaixo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Inventário Afetivo – definições iniciais

O Inventário Afetivo é uma ferramenta de conhecimento – como todo inventário – que parte da observação e documentação de tudo aquilo que a comunidade, livremente, identifica como importante para sua formação, identidade e reconhecimento e que, exatamente por isso, busca recriar através da história oral e diversas outras formas de expressão.

Apesar de seguir parcialmente a definição de “Inventário” descrita pelo Dicionário do Patrimônio Cultural do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional): “como modos de produzir um novo saber, por meio da coleta e sistematização de

informações obedecendo a determinado padrão e repertório de dados passíveis de análises e classificações (...)", o inventário afetivo é subjetivo e conta com a participação ativa e da expressão da comunidade não só sobre a materialidade do lugar, mas principalmente sobre suas vivências.

Também se percebe uma aproximação conceitual com a definição de Inventário Participativo, método apresentado pelo IPHAN, para o qual "o alvo primordial dos "inventários participativos" passou a ser a mobilização e sensibilização da comunidade para a importância de seu patrimônio cultural, por meio de uma atividade formativa que envolve produção de conhecimento e participação." Segundo a pesquisadora Simone Scifoni, autora principal do Inventário Participativo do Minhocão, em São Paulo,

As lutas sociais pelo patrimônio sinalizam para o direito à memória e, em consequência o direito ao patrimônio cultural. Para que estes se realizem é preciso que o patrimônio e a memória deixem de ser privilégio de determinadas classes sociais e se tornem aquilo que deveriam efetivamente ser, um direito de todos. Inseridos na perspectiva de cumprimento desse princípio fundamental, é que os Inventários Participativos se constituem como uma ferramenta de ação educativa voltada a democratização do patrimônio e dos processos de memorialização, alinhando-se a uma educação transformadora. Ao contrário de ensinar sobre um patrimônio escolhido pelo Estado de forma autoritária, seletiva e excludente, pois não contempla a todos igualmente, os Inventários Participativos constroem um caminho oposto, permitindo que os grupos sociais possam se reconhecer e escrever sua própria história.

Apesar das diferenças de sistematização das informações dos dois métodos, percebe-se semelhanças no trabalho de campo. No caso do Inventário Afetivo, o objetivo principal é a própria construção das memórias conjuntas da comunidade e sua documentação pela própria comunidade. O pesquisador, atua apenas suscitando, provocando e, muitas vezes envolvendo-se nestas memórias.

O conceito de afeto pode ser interpretado a partir do verbo "afetar" e dos substantivos como afeição, amizade, simpatia, paixão. Já "afetivo" é um adjetivo relativo a afeto, afetuoso, delicado, afeiçoado, carinhoso.

Assim, torna-se fundamental que o pesquisador vá a campo e utilize como principal ferramenta a escuta, buscando as informações iniciais a partir da **memória** e da **história oral**. Por isso, tais conceitos precisam ser definidos e conhecidos para serem aplicados em campo.

2.2 Memória

Desde o início da pesquisa, o grupo trabalha com dois conceitos de memória que se tornaram norteadores do trabalho: o de Pollak (1989), que define que “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade”.

é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, M. 1992)

E o mais impactante no âmbito da pesquisa, de Pierre Nora (1993), “a memória é a vida”, pois é **afetiva**, mágica, múltipla, acelerada, coletiva, plural e individual. Ela se enraíza em qualquer substância, seja no concreto, no espaço, no gesto, enquanto história só se liga às continuidades temporais e às relações das coisas.

À medida que foram sendo realizadas visitas ao Distrito, aproximações com a comunidade em vivências, passeios e conversas, outras duas autoras passaram a permear e mesmo amadurecer o conceito de memória desenvolvido no trabalho.

Ao ler o livro “Pertencimento: uma cultura do lugar”, um livro de memórias da venerada autora estadunidense bell hooks a partir do seu retorno para seu estado natal, o Kentucky, percebe-se em vários trechos a importância do lugar de memória como constituição da identidade e da experiência – tanto sob aspectos positivos, quanto negativos. Mesmo a geografia do lugar, predominantemente rural e cercado por montanhas, como Sarandira, interfere na formação da autora, que

Se alguém decide viver de maneira consciente, escolher o lugar onde vai morrer é tão importante quanto escolher onde e como viver.

[...]

Foi nas colinas do Kentucky que minha vida começou. Elas representam o lugar de expectativas e possibilidades, bem como o cenário de todos os meus medos, dos monstros que me perseguem e assombram o meu sono. Ao percorrer livremente as colinas do Kentucky durante a infância, fugindo de cobras e de todos os perigos exteriores proibidos, tanto reais quanto imaginários, aprendi a estar segura com o conhecimento de que enfrentar o que temo e superá-lo me manterá protegida. (p. 29)

Além de formar a personalidade, a psiquê e a identidade do indivíduo, a memória protagonizada pelos seus locais de origem fortalece a percepção de si mesmo e o enfrentamento do cotidiano.

Em suas memórias, hooks (2022) nos aponta, por exemplo, que seus posicionamentos no enfrentamento ao racismo, constante em sua vida, formaram-se principalmente ao sair do Kentucky e perceber que precisava se adaptar à cidade grande. Mas a descoberta da autora de que sua força viria a partir do contato com a ancestralidade da família e da terra natal foram fundamentais para sua sobrevivência.

Lá pelos vinte anos, comecei a construir um mapa narrativo do passado, anotar as experiências da infância impressas em mim de maneira definitiva. [...] Eu tinha certeza de que colocar essas memórias no papel e organizá-las me ajudaria a reordenar a vida. Ao criar um relato sobre o meu “eu”, tinha certeza de que poderia tomar distância e ver a mim mesma de uma nova maneira, não mais fragmentada: inteira, completa. (p. 44-45)

O contato com o Distrito de Sarandira e sua comunidade através da observação passiva e de conversas corriqueiras, propiciou o entendimento de que a memória e a identidade têm uma função fundamental para o reconhecimento desses indivíduos dentro deste lugar especificamente e que o estímulo às lembranças pode propiciar também uma autopercepção sadia de si mesmo e do seu lugar no mundo.

Dessa forma, foi possível compreender que quanto mais natural for o contato e quanto menos complexos forem os conceitos e suas aplicações, mais fidedigno será o registro das percepções destes moradores afetados pelo lugar Sarandira.

Segundo Ecléa Bosi em sua obra mais importante, *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* (2023), “começa-se a atribuir à memória uma função decisiva no processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações.” Tal observação indica, segundo a autora, que a memória vai ocupando totalmente o espaço da consciência misturando-se às percepções do presente, deslocando-as. Ou seja, existindo na própria percepção de mundo do indivíduo (p. 49).

A partir daí, a autora discorre sobre dois tipos de memória: a “memória-hábito” e a “imagem-lembrança”. A primeira representa de forma heterogênea, a permanência do passado no presente através dos esquemas de comportamento guardados pelo corpo. “A memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural” (p. 51) é através dela que esta cultura se introjeta no indivíduo a partir de seus hábitos corriqueiros e gera uma identificação em termos de comunidade. Assim, guardamos facilmente formas de comer, de caminhar, de se relacionar e usar os espaços, além das regras de conduta.

O outro tipo, a “imagem-lembrança”, é a lembrança pura, que se refere a um momento específico, individualizado e irreversível. Representa também experiências singulares e intransferíveis.

Estes dois tipos de memória são bastante importantes para a proteção da identidade e da história de um lugar e de uma comunidade. Segundo Bosi, “a sociedade capitalista desarma o velho mobilizando mecanismos pelos quais oprime a velhice, destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa.” A partir daí questionamos: onde estaria Sarandira se não fosse a memória de seus habitantes. Estes apagamentos históricos a partir do momento em que os lugares têm uma regressão econômica também representam um tipo de opressão. Portanto, estimular a memória significa, nessa instância, fornecer (ou reencontrar) as ferramentas para a ressignificação do lugar e das pessoas.

Para isso, metodologicamente, Ecléa Bosi nos apresenta um caminho a seguir: a escuta da história oral dos indivíduos.

2.3 História Oral

A ferramenta mais importante para conhecer e relacionar a memória com o lugar parte dos relatos dos moradores. Mesmo que alguns autores insistam na falibilidade da memória, ela representa em si não uma verdade absoluta, mas a documentação do momento, da experiência vívida e das relações afetivas que se formam sempre que recordadas. “Nem sempre estamos dispostos à aventura da percepção, somos insensíveis e desatentos às coisas que povoam o nosso mundo e, por isso, sofremos de uma perda... que nos faz capitular e enxergar através de mediações impostas” (BOSI, 2003, p. 115)

O fato de debruçar-se na escuta não faz do pesquisador um crédulo, mas uma pessoa que participa do processo de ativação da memória, passando a fazer parte da mesma. A cada vez que uma história é contada, ela é também perdida, reinventada e revivenciada. “Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu” (BOSI, 2003, p. 69).

Só o fato de uma pessoa parar para falar, e a outra para ouvir, já se cria ali um espaço para a descompressão do sujeito oprimido. Principalmente porque a história é contada, majoritariamente pelo vencedor. Então, é preciso dar voz a quem foi oprimido para que a história se autocomplete.

As narrativas podem ser feitas através das palavras, mas também no mover o corpo no espaço, nos edifícios, na ocupação da cidade, nos objetos.

A ordem desse espaço nos une e nos separa da sociedade e é um elo familiar com o passado.

Quanto mais voltados ao uso cotidiano mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam.

São estes os objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida.

[...] Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador. (BOSI, 2003)

E é a partir daí que se pode mapear a história relacionada ao lugar e à vivência deste lugar, dotando-o de significado.

3 METODOLOGIA

O Inventário Afetivo é uma ferramenta de conhecimento, apoio e referência na área de Patrimônio Cultural visando a preservação da memória e da identidade de lugares que apresentam um grande valor histórico e cultural e onde percebe-se a influência massiva da comunidade na manutenção de hábitos e costumes. Sua metodologia é ainda muito recente e encontra-se em construção, sendo desenvolvida a partir de áreas de conhecimento diversas das Ciências Sociais, como a geografia, antropologia, arquitetura e urbanismo, por exemplo.

Pouco existe de conceituação e definições sobre o que é o Inventário Afetivo, mas o mesmo vem sendo aplicado em projetos pelo Brasil. O caso mais conhecido é o do Inventário Afetivo de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, publicado em vídeo pelo jornal O Tempo, composto por histórias, documentos, objetos, mapas e desenhos que descrevem os distritos destruídos pelo rompimento da barragem da Samarco, em Mariana.

A princípio, o primeiro contato da equipe com a Sarandira será feito através da observação passiva e do ato de percorrer a localidade, valorizando-se a fruição do caminhar (CARERI, 2013) e as percepções individuais dos membros da equipe. A partir daí, será feita uma coleta de dados físicos no local.

A partir do que for observado em campo serão discutidas e elaboradas estratégias de aproximação da comunidade através da elaboração de atividades e ferramentas que

possibilitem o conhecimento da comunidade e de suas histórias locais e das percepções dos moradores.

A terceira fase é a mais importante e vai se destacar pelo contato direto não só com o distrito, mas com a comunidade. Pretende-se a realização das atividades elaboradas na fase anterior. Fica pré-definido o uso de relatos orais e de mapas mentais como uma forma eficaz de coleta dos dados desejados. Nesta fase haverá a aplicação de questionário a uma amostragem de 10 a 20% da população para conhecimento das características dos habitantes e sua relação com o espaço do Distrito. A partir daí, serão realizadas atividades em conjunto com a população de identificação dos lugares mais importantes para estas pessoas, como uso de fotografias produzidas pelos moradores, mapas mentais e descrições dos lugares.

Por fim, a equipe deverá se reunir para analisar os dados e elaborar o resultado do Projeto de Extensão. A princípio, prevê-se a elaboração de um relatório final, mas será interessante a utilização de uma ferramenta lúdica e participativa de apresentação do projeto em Sarandira como uma forma de também contribuir com a comunidade no seu autoconhecimento, no reforço de seus vínculos sociais e identitários e na valorização do seu Patrimônio Cultural.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir destes conceitos e da metodologia desenvolvida para o trabalho que neste ano de 2023 a proximidade se efetivou em relação à Sarandira.

As idas a campo foram definidas a partir do cronograma do curso de Arquitetura e Urbanismo, principalmente no segundo semestre do ano. Houve dificuldades a serem enfrentadas, principalmente no que diz respeito à comunicação com a população local. E em decorrência destas, foi necessária uma revisão constante dos métodos de aproximação.

Ainda que a pesquisa científica encaminhe o trabalho para a aplicação de ferramentas mais pragmáticas, como questionários, o conhecimento da população foi fazendo com que o grupo mudasse as estratégias. A presença nos locais mais ocupados, a convivência a partir da identificação, dos hábitos e das narrativas foram importantes. A proximidade criada pela Caixa de Memórias, que foi entregue à comunidade logo após a pandemia, foi importante como um contato inicial, uma apresentação e também um treinamento da metodologia das narrativas. A constituição da Caixa de Memórias

foi livre para os pesquisadores, permitindo uma vivência única. Compreendendo a identidade como um mosaico de memórias, ele pode ser construído e reconstruído cotidianamente, sendo as trocas fundamentais para essa formação. Não apenas através de um movimento de absorção ou apropriação, como normalmente é percebido. Mas também de doação e expansão. Cada morador pode se apropriar da Caixa como bem entender e por isso ela ainda está no Distrito.

Imagem 5 – A Caixa de Memórias montada com os objetos, fotos e cartas enviados.



Fonte: acervo do projeto

Com as visitas ao Distrito, foi possível conhecer os espaços a partir de conversas com os moradores, da escuta democrática, a princípio sem anotações ou gravações, mas sempre estimulando a memória sobre o lugar e seu cotidiano. É possível observar a interação entre os moradores nestes momentos, que também têm a oportunidade de ouvir as histórias dos conterrâneos e contribuir para as lembranças.

O mais difícil, tem sido fazer com que os moradores compreendam que suas histórias fazem parte da história do distrito. Assim, ao preparar a próxima atividade, que é um conhecimento de fotografias dos habitantes na cidade, a compreensão sobre a importância das fotografias “não históricas”, de família tem sido um problema. Que deve ser vencido a partir da percepção e interpretação dos pesquisadores dos melhores caminhos para atingir os objetivos.

Como toda pesquisa que é empírica, a construção e reconstrução dos métodos é constante. E a definição dos conceitos a serem seguidos, como tem sido feito, é primordial. Assim como a busca constante por trabalhos correlatos. Ainda que em pouca quantidade e com suas próprias identidades, as experiências de outros pesquisadores têm auxiliado no processo de definição das deste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espera-se que o Projeto de Extensão “Sarandirando: Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira” possa contribuir com a comunidade de Sarandira através do seu reconhecimento e valorização, entendendo a qualidade do espaço urbanístico e paisagístico do local e a preservação cotidiana de sua cultural e memória como um aspecto primordial para a qualidade de vida desta comunidade.

Através do reforço dos elos de pertencimento, espera-se estimular a autoestima da comunidade permitindo que a apropriação das diversas oportunidades contemporâneas de valorização do lugar aconteça sem perder-se das tradições locais, nem tampouco congelar-se no tempo.

Além disso, também é um resultado esperado a contribuição científica no campo da Arquitetura e Urbanismo e das Ciências Sociais Aplicadas através da experimentação de novas ferramentas de conhecimento sociocultural, como os Inventários Afetivos e Cartografias Sentimentais ou Afetivas.

ABSTRACT

This article aims to demonstrate the importance of Memory – whether in its individual or collective scope – and Oral History for knowledge about the identity of a community and the establishment of ties that define people's relationships of belonging to their places of residence. experience. The research presented here was developed by teachers and graduates of the Architecture and Urbanism Course at Centro Universitário Academia in the context of the Extension Project “Sarandirando: Affective Inventory, identity, memory and belonging in Sarandira – MG”, developed from research and visits to Sarandira, Juiz de Fora District. The Affective Inventory is a knowledge tool – like any inventory – that starts from the observation and documentation of everything that the community, freely, identifies as important for its formation, identity and recognition and that, precisely for this reason, seeks to recreate through history oral and various other forms of expression. It is essential that the researcher goes into the field and uses listening as his main tool, seeking initial information from memory and oral history. Therefore, such concepts need to be defined and known to be applied in the field.

Keywords: Memory. Identity. Belonging. Affective inventory. modest heritage

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO CARABINA CULTURAL. **Pré Levantamento Turístico de Sarandira. Sarandira Criativa - Plano de Desenvolvimento do Turismo de Sarandira.** Belo Horizonte, 2019.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 20ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

CARERI, Francesco. **Walkscapes. O caminhar como prática estética**. São Paulo: Editorial Gustavo Gili, 2013.

CIASCA, Kaian Nóbrega Maryssael Ciasca. **Memória, Identidade e Território - Mapas Afetivos Como Indicadores De Hábitos Culturais**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação / Nº 6, junho 2018.

FOSCARINI NETO, P. **O Distrito de Sarandira: mudanças e permanências na paisagem**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

HOOKS, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar**; tradução Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (Brasil). **Educação Patrimonial: Inventários participativos: manual de aplicação** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ; texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. – Brasília-DF, 2016.

MOTTA, Lia; REZENDE, Maria Beatriz. Verbetes: Inventário. **Dicionário do Patrimônio Cultural**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/> Acessado em: 20/10/2020.

NORA, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História, v. 10, 1993.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965 – 1995)**. São Paulo: Cosac Naify, 2a. ed. rev., 2013, p. 444 – 461.

PINTO, João Pedro Lima. **Distrito de Sarandira em Juiz de Fora: do auge cafeeiro aos dias atuais**. Orientador: Pedro José de Oliveira Machado. 2022. 54f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Faculdade de Geografia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, v. 2 n. 3: Memória. FGV: Rio de Janeiro, 1989. P. 3-15.

_____. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, v. 5 n. 10. FGV: Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.

PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. **Plano Diretor Participativo de Juiz de Fora**. Disponível em: <http://www.planodiretorparticipativo.pjf.mg.gov.br/>. Acessado em: 20/10/2020.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**. 2ª impressão, Editora Sulina – Editora UFRGS: Porto Alegre, 2011.

SANDRONI, Laila; TARIN, Bruno. **Limites e possibilidades da cartografia afetiva enquanto método de pesquisa nas ciências sociais**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia. Natal/RN, Agosto/2014.

SCIFONI, Simone. **Inventários Participativos como direito memória e ao patrimônio cultural**. Anais do V Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa. São Paulo: IEB/MAC/USP, 2017.

SOUZA, Milena Andreola *et al.* Sarandirando - Inventário Afetivo, identidade, memória e pertencimento em Sarandira – A “Caixa de Memórias”. **Revista Analecta. v. 7, n. 2**. Juiz de Fora: Centro Universitário Academia. 2021.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução: Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.